

Como o Ceará libertou seus 30 mil escravos

JB Serra e Gurgel (\*)

Ingleses, franceses, espanhóis, holandeses e portugueses, numa ponta e reinos africanos, noutra, ganharam vendendo e comprando escravos. Era um importante item do comércio internacional na época. Comércio tão sujo como a corrupção dos novos tempos, no Brasil, no Afeganistão, no Paquistão e no Nordeste.

Barão de Studart e Rodolfo Teófilo concordaram que em 25.03.1883, quando o Ceará libertou seus escravos, contava apenas 30 mil numa população de 721 mil habitantes. O Censo de 1872 contou 31.913 e o de 1881 24.463 cativos e 7.436 livres. **Não** eram muitos, pois o Ceará não tinha cana de açúcar, minas e gado que exigissem mão de obra intensiva.

O “*Libertador*” em 01.01.1884, localizou os 21.516 escravos no Ceará: Fortaleza/Messejana, 1.273; Aracati/União/Jaguaruana, 1.159; Granja/Palma/Coreaú, 1.250; Acaraú, 440; Aquiraz, 449; Acarape/Redenção, 115; Assaré, 512; Barbalha/Missão Velha, 512; Baturité, 789; Canindé/Pentecoste, 516; Cascavel, 807; Crato, 835; Icó, 731; Ipu, 736; Imperatriz/Itapipoca, 882; Jardim 446; Jaguaribe/Cachoeira/Solonópole, 608; Limoeiro do Norte, 608; Lavras da Mangabeira, 768; Maranguape/Soure/Caucaia, 847; Maria Pereira/Mombaça, 438; Milagres, 586; Morada Nova, 367; Pedra Branca, 157; Pacatuba, 298; Pereiro, 465; Quixeramobim, 1.924; Quixadá, 298; São Francisco/Itapagé, 427; São Bernardo/Russas, 1.972; Santa Quitéria, 820; Santana do Acaraú, 941; São Mateus/Jucás, 499; Saboeiro/Brejo Seco/Brejo Santo, 1.130; São João do Príncipe/Tauá/Arneiroz, 1.956; São Benedito/Ibiapina, 135; Telha/Iguatu, 251; Trairi, 249; Tamboril, 614; Viçosa do Ceará, 323 e Várzea Alegre, 153.

Como Acopiara era então Lages, distrito de Telha/Iguatu, não há precisão sobre quantos acolheu.

Os Estados Unidos libertaram seus escravos em 1865. A notícia chegou ao Ceará. Começaram as alforrias espontâneas. Em 1868, o então presidente da Província do Ceará, Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque, destinou 15 mil contos de réis para “expropriação dos escravos que fossem nascendo, de preferência os do sexo feminino, os quais serão libertados na pia”. O processo foi deflagrado. Em 1870, surgiu a 1ª. Sociedade libertadora, em Baturité, e o deputado Rodrigues Lima propôs mais 20 mil contos de réis para “alforria de escravos cuja idade não excedesse a sete anos”. Em 1871, no Rio de Janeiro, foi aprovada a Lei do Ventre Livre, alforriando os nascituros. A seca braba de 1866/1879 fez estragos na economia escravocrata. Muitos deles foram vendidos para o Sul do país, efetivando-se assim os últimos embarques. Novas sociedades libertadoras apareceram como a Cearense Libertadora, de 1880, liderada por João Cordeiro, empenhadas em libertar os escravos por diferentes meios.

“No porto do Ceará não se embarca mais escravos”. A frase é atribuída a Chico da Matilde, Francisco José do Nascimento, Dragão do Mar, jangadeiro de Aracati, pratico-mor, práctico da barra, convocado por Pedro Artur de Vasconcelos e José Napoleão para trancar o porto a partir de 30.08.1884, por sua liderança junto aos praieiros, não se embarcando e não se desembarcando. Nesta época, não havia atracadouro em Fortaleza. Os navios ficavam ao largo e o desembarque era complexo, através de jangadas e barcos a remo. Em 30.08.1881, Tentaram embarcar 210, mas Dragão do Mar com seus homens impediram. Conflito com os escravocratas, mas a polícia ficou do lado dos jangadeiros. Consequência: Dragão do Mar foi demitido das funções de pratico-mor. Houve reações, protestos dos comerciantes, pressões

junto ao Governo provincial e denúncias de abusos junto ao governo do Império. Mais tarde, em 1883, Dragão do Mar foi suspenso de suas funções de prático da barra, “resta-me agora fechar as minhas contas com os meus gratuitos e covardes inimigos”.

Em 30.11.1882, José do Patrocínio, o “Marechal Negro”, líder abolicionista do Rio de Janeiro, desembarcou em Fortaleza, com Alipio Teixeira, seu colega da *Gazeta da Tarde*, tendo calorosa acolhida da Libertadora, o Centro Abolicionista e do Clube dos Libertos. Num encontro com Dragão do Mar, indagou: “então, o porto está mesmo bloqueado?” A resposta: “não há força neste mundo que o faça reabrir ao tráfico negreiro”. A presença de Patrocínio em Fortaleza teve impacto, com manifestações no Passeio Público, vitrine da pequena cidade. O “*Libertador*” repercutiu a visita e os abolicionistas marcaram para 1º de dezembro a libertação dos 32 escravos em Acarape/Redenção, iniciando a onda emancipacionista. Começaram a recolher dinheiro para comprar as alforrias. Uma delas, de um conto de réis (1:000\$000), veio do Imperador dom Pedro II para a Sociedade Cearense Libertadora, sacada do Banco do Brasil contra os srs. Pereira Carneiro & Cia, de Pernambuco,

Acarape/Redenção libertou e ficou como símbolo da emancipação, com a presença de José do Patrocínio que retornou ao Rio de Janeiro em 10.01.1883 e que cunhou a expressão que o Ceará era a “Terra da Luz”, que nos acompanha há mais de um século, exprimindo o que vira no Ceará. Daí pra frente, cada município foi repetindo o gesto: Pacatuba, Arraial/Uruburetama, São Francisco/Itapagé, Imperatriz/Itapipoca, Canoa/Aracoiaba, Baturité, Icó, Tauá, Maranguape, Aquiraz, Sobral, Trairi, Santa Quitéria, Aracati, Cachoeira, Lavras, Tamboril, Santana, Independência, Camocim, Cascavel, Morada Nova, Acaraú, São Bernardo de Russas, Granja.

O movimento ganhou impulso. Joaquim Nabuco, de Londres, ao tomar conhecimento do que aconteceria no Ceará em 25 de março de 1885 “Chega-me de diversas partes a notícia de que no dia 25 de março a província do Ceará ficará para sempre, livre da desonra e do opróbrio da escravidão. Não há em nosso passado desde a Independência uma data nacional igual à que a providencia do Ceará vai criar”. E criou. Coube ao presidente da Província, o baiano Sátiro de Oliveira Dias, com muita pompa, ênfase, púrpura da igreja, salvas, bandeiras, flores, trombetas e tiros, na Praça Castro Carreira, anunciar: “A Província do Ceará não possui mais escravos”. O grande ausente foi Dragão do Mar que embarcara para o Rio de Janeiro, em 14 de março, tendo sido recebido por dom Pedro II. Em Paris, José do Patrocínio reuniu a imprensa francesa, anunciou o feito e leu um cartão de Vitor Hugo: “Uma Província do Brasil acaba de declarar extinta a escravidão no seu território. Para mim a notícia é extraordinária”. Depois do Ceará, o Presidente da Província do Amazonas, o cearense Teodoro Barreto de Farias Souto, fez idêntica proclamação em 20 de junho. Mais tarde, Pará, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul.

É bom que as gerações atuais, tão despolitizadas e anestesiadas pela política de baixo nível das elites brasileiras, tomem conhecimento dos feitos de seus antepassados.

JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor.